

Tarso de Melo

A própria vida, essa estranha notas entremeadas a um poema de Pina

*texto publicado no número especial da revista **Dobra**, de Lisboa,
em homenagem ao poeta nos 10 anos de sua morte | outubro de 2022*

dob —
LITERATURA ARTES DESIGN **e**

[TUDO À MINHA VOLTA]

(1) «A poesia, naquilo que me toca, é um instrumento permanente de relação comigo mesmo, de relação com o mundo. Não ligo a ignição da poesia em certos momentos: agora vou fazer um poema. Não escrevo às segundas, quartas e sextas e faço jornalismo às terças, quintas e sábados. O que acontece é que a poesia está sempre presente. Não propriamente o acto de fazer um poema mas a relação que lhe está na base. Essa relação com as palavras, no fundo, está sempre presente. Faz parte da minha natureza, a minha relação com a escrita. De modo que, mesmo quando estou a escrever em piloto automático, tenho sempre uma atitude (penso eu) saudavelmente esquizóide, gerada pela poesia, em relação àquilo que estou a fazer, ao meu próprio trabalho. Ou seja, mesmo na simples notícia, na notícia corriqueira, de quotidiano (e sempre fiz isso, às vezes de uma forma mais, outras vezes de uma forma menos doentia), sempre tive a tendência – também por temperamento próprio – de me afastar um pouco e de assistir ao meu próprio espectáculo.» (MAP, entrevista a Carlos Vaz Marques, *Ler*, n. 68, Círculo de Leitores, Lisboa, 2006)

A obra de Manuel António Pina (1943-2012) é atravessada por algumas marcas recorrentes: um certo modo de enunciar, um vocabulário persistente, o olhar que se desloca, a tensão com a Literatura (e a linguagem, as palavras etc.), a investigação da memória, a dissolução da identidade, entre outras “ideias fixas”. De livro a livro, é impressionante a forma como o poeta que estreia em 1974 e o que se despede em 2011 dialogam sobre as mesmas questões, fazem ecoar poemas dentro dos poemas, retomam a costura interna dos versos que se espalham por aproximadamente cinco décadas.

Em meio a *Todas as palavras* (reunião de seus livros de poesia lançada em 2012), alguns poemas, em especial, operam como uma espécie de feixe dessas questões – de uma ou algumas delas – e, assim, abrem uma porta privilegiada para o leitor conhecer o universo do poeta. A meu ver, “[Tudo à minha volta]”, do livro *O caminho de casa* (1989), é um desses, daí a escolha aqui por distribuir, entre suas estrofes, algumas notas – compostas de trechos de entrevistas do poeta, outros poemas e comentários – com o intuito de iluminar o conjunto de poemas – ou a poética – de que ele faz parte.

*Tudo à minha volta cumpre
um destino silencioso e incompreensível
a que algum deus fugaz preside.
Fora de mim, nas costas da cadeira*

(2) Já na primeira estrofe, Pina desenha um quadro comum a alguns de seus mais significativos poemas: alguém olha para as coisas e as pessoas à sua volta, num ambiente próximo e restrito (a casa, quase sempre, seja na sala, no quarto, na biblioteca ou no jardim, mas também o pequeno parque infantil ou o leito hospitalar), em que a vida acontece – “uma vida burguesemente pacata”. Mas, antes que se confunda essa cena com a do poeta centrado em si – na sua interioridade – observando a *vida dos outros*, o mundo exterior, em Pina logo se percebe que a “pura exterioridade”, a que ele se refere em mais de um poema“ (como no lindo poema “Insónia”: “Lá fora ouvem-se vozes acordando,/ motores em marcha vibram, a luz arde,/ e aos poucos a vida vai ficando/ sensação e exterioridade”, de *O caminho de casa*, 1989), inclui, antes de qualquer coisa ou pessoa, o próprio poeta, o próprio “eu” que tenta se encontrar em meio ao “destino silencioso e incompreensível” de tudo.

Nas palavras de Eduardo Lourenço, Pina é “um dos raros poetas [...] que não confere ao que chamamos *interioridade* uma qualquer consistência”. Por isso, como arremata Gustavo Rubim, dá-se aí uma “exterioridade em que tudo é já da ordem da experiência textual”. É o poeta que está sempre *fora de si*, fora da própria vida, que é sempre estranha, e de algo como a *vida com os outros*, ou melhor, condenado – pela poesia, talvez – a olhar a *própria vida* pelo lado de fora. Em alguns momentos, como no retorno da experiência de quase-morte em que os “monólogos” da série “Cuidados intensivos” (que dá nome ao livro de 1994) nos fazem pensar, tudo é ainda mais espantoso: “Agora, como um intruso, subo as/ escadas e abro a porta; e entro, vivo,/ para fora de alguma coisa morta.” Assim, se se pode falar em “pura exterioridade” é porque esse “estar fora” não perdoa nada, é uma *absoluta exterioridade*, em que se dissolve qualquer tentativa de constituir o poeta como “eu” pleno.

*o casaco, por exemplo, pertence
a uma ordem indistinta e inteira.
Dava bem todo o meu sentido prático
pela sua quieta permanência em si e na cadeira.*

(3) O exemplo escolhido por Pina, na segunda estrofe, em meio a tudo que compõe a “ordem indistinta e inteira”, em que ele se vê – de fora – mas a que não consegue *pertencer* plenamente, é singelo: o casaco nas costas da cadeira (isto é, o casaco quando nem sequer *funciona* como casaco). E é em troca da permanência “quieta” – sem palavras – desse casaco, “em si e na cadeira”, que o poeta oferece “todo o [seu] sentido prático”.

Ecoa, aqui, um outro lindo poema de Pina, “Um casaquinho preto”, de *Cuidados intensivos* (1994): «Como podia saber que vivia/ num lugar tão distante/ e numa casa tão grande?// Que a mãe me falava/ de debaixo da terra,/ e que o seu rosto era// uma sombra passada/ sobre mim debruçada?/ Que o seu nome me chamava// e eu já lá não estava,/ porque tinha crescido/ e porque tudo crescera comigo:// a casa, o quarto, os livros,/ até o céu crescera/ e se afastava:// e que eu próprio era/uma recordação/ de que já mal me lembrava?»

«A linguagem impede-nos de contactar com o mundo. As palavras separam-nos do mundo. Isso acontece com o mundo e acontece conosco mesmos. Contactamos com o mundo em termos linguísticos. Não temos outro remédio, só temos palavras, não temos mais nada, o que é que podemos fazer? É uma coisa que sempre me incomodou muito. Gostava de estar mais próximo das coisas. Nos animais vejo isso, essa inocência. Só vi uma inocência dessas no olhar da minha mãe pouco antes de ela morrer. Já não me reconheceu e olhou-me com um olhar estranho.» (MAP, entrevista a Carlos Vaz Marques, *Ler*, n. 109, Círculo de Leitores, Lisboa, 2012)

*A realidade dos livros em cima da mesa
parece tão estritamente real!
As filhas falam, barulhentas e reais,
e eu próprio, em qualquer sítio, sou real.*

(4) O poema avança e o abismo – entre “eu” (que fala) e “eu” (que participa) – se revela. E cada vez mais esse “eu” que fala – e justamente porque fala – está insuperavelmente distante daquele outro “eu” e de tudo que o cerca: o casaco, os livros, as filhas “barulhentas e reais”. Impossível não lembrar, aqui, de versos como: “As filhas brincam fora de o quê,/ que infinitamente se interroga?/ O fora de elas é dentro/ de que exterior centro?” (“Kindergarten”, *O caminho de casa*, 1989). Ou: “Fico, outro e só, em uma praça// – alguém real fica –/ onde crianças fora de mim brincam/ com outras crianças reais,/ mas (praça, crianças) quais?” (“Hansaplatz (2)”, *Nenhum sítio*, 1984).

Essa tensão entre acessível e inacessível, que vai marcar quase que a totalidade da poesia de Pina (nada está ao alcance das mãos, nada está completo na memória, nunca se vive plenamente), toca tanto a infância das filhas, que se dá num lugar que o poeta não pode acessar, quanto a sua própria infância: “Os poemas sobre a infância são uma tentativa desesperada de construir um passado onde possa regressar, onde possa encostar a cabeça” (MAP, entrevista a Anabela Mota Ribeiro, *Pública*, 26/04/2009), mas, como bem notou Leonardo Gandolfi, “a infância não é mais acessível, porque ela só acontece como memória da infância”. E, claro, não é apenas da infância que o poeta fala: “A minha juventude passou e eu não estava lá” (“Numa estação de Metro”, *Um sítio onde pousar a cabeça*, 1991). Porque essa é uma constante na relação com “o real”, que se adensa e agudiza a cada livro, até: “Real, real, porque me abandonaste?” (“A ferida”, *Os livros*, 2003).

*Sob este rio real
o rio que me arrasta, de palavras,
corre dentro de mim ou fora de mim?
O que pensa? Estou lá, ou está lá alguém,*

(5) Aprendemos, com Rosa Maria Martelo, que “na escrita de Pina, quem diz *eu* é já de algum modo, e reconhecidamente, não-eu, dialogismo, abertura à diferença e à irredutibilidade”. E com Silvina Rodrigues Lopes: “No que é feito de palavras, criam-se emoções, sentimentos, imagens, ideias, modos de agir, ver, escutar e sentir os outros: tudo o que participa do mundo e mantém a sua ilimitação, a qual faz com que o pronome *eu* perca o seu poder de identificação”. Gosto de pensar, concordando com ambas, que não se trata de simplesmente concluir que não há “identidade” entre os “eus” que encontramos nos poemas de Pina. É algo mais complexo. O “não-eu” é constitutivo do “eu”, porque este é atravessado – atormentado – por um “outro”, por muitos outros, como nos insinua um poema como “Gare du Sud”: “Tudo o que temos pertence a outros,/ desconhecidos de nós, e ainda a outros,/ e temo-lo como se o perdêssemos/ ficando uma sombra, a nossa sombra” (*Os livros*, 2003). Esse “eu” persistente nos poemas, portanto, é algo que surge apenas nos próprios poemas, reconhecendo-se ali – “Literatura que faço, me fazes” (“Desta maneira falou Ulisses”, *Ainda não é o fim...*, 1974) –, mas tentando se desgarrar daquilo que a Literatura faz de si. Bem sabemos e Pina nos relembra sempre: a escrita não trata de algo que existe, ela faz com que algo exista. A começar pelo próprio autor: “aquele que escreve/ é também eternamente escrito” (“Na hora do silêncio supremo”, *Aquele que quer morrer*, 1978). Repare: há um “rio real” e, sob ele, um “rio de palavras”, que arrasta o poeta, mas que ele não sabe se corre dentro ou fora de si. E esses dois rios, é claro, lembram Heráclito.

Frise-se, ainda: «Na poesia de Manuel António Pina *eu* é resolutamente uma categoria gramatical, um pronome vazio, um efeito do discurso. *Eu* fala a partir do discurso e como discurso (apenas) sem indicar ninguém por trás, às vezes nem sequer uma figuração autoral, e nessa medida torna-se facilmente numa voz de ninguém à procura do seu autor, processo que radicaliza absolutamente a des-subjectivação modernista, porquanto é propriamente um *eu* que se sabe efeito da escrita que toma a palavra a partir da palavra. Por isso, na poesia de Pina o *eu* é comutável com *isto* (que fala)» (Rosa Maria Martelo, “Chegar (um pouco) tarde: Manuel António Pina, o poeta e a poesia”, in *Políticas da ficção*, org. Izabel Margato, Editora da UFMG, 2014)

*como está neste lugar (qual?),
e como os livros na mesa?
O que fala falta-me
em que coração real?*

(6) Nunca é por acaso que Pina destaca os livros entre os objetos ao seu redor. Estamos diante de um poeta que declara abertamente: «As emoções mais fortes e mais complexas que experimentei foram colhidas em livros e em filmes, ou ouvindo música, e a sua memória é, em mim, permanentemente atravessada pela memória de outros livros e outros filmes, ao mesmo tempo que se confunde com a memória da minha existência por assim dizer “real”» (MAP, entrevista a Luís Miguel Queirós, *Público*, 17.06.2011). Os muitos livros que aparecem em seus poemas – até o ponto em que ele próprio lança um livro intitulado *Os livros* – convocam esse universo delimitado – ou melhor: ilimitado – pela leitura, pela relação vital com os livros (os alheios, mais do que os seus), pela paixão com que se apegou a outros “eus” que os livros lhe apresentaram.

Citando Borges (e é impressionante como, em suas entrevistas, ele cita repetidamente Borges, esse outro senhor-servo dos livros!), Pina gostava de lembrar uma resposta dada pelo argentino à pergunta “Quem é Borges?”. Em terceira pessoa (“como os futebolistas”, destaca Pina) inicialmente, dizia: “Borges não existe”. Depois, passava à primeira pessoa e concluía: “Sou todos os livros que li, todas as pessoas que conheci, todos os lugares que visitei, todas as pessoas que amei”. (Não apenas por isso, mas impressiona perceber como Pina é, de fato, um poeta *borgeano*. Sem dúvida, é assunto que exige fôlego, mas fica aqui a provocação: em ambos, “o próprio escritor é uma personagem”, cujo “verdadeiro rosto” é “provavelmente o do poema”.)

Na estrofe acima, destaque-se ainda a expressão “coração real”. Toda vez que Pina utiliza a palavra “real” (também como substantivo, mas para o que digo a seguir penso no adjetivo), ele coloca *sob suspeita* tudo o mais que é dito no poema. Não apenas no poema aqui comentado, mas o caso é significativo: Pina fala em “filhas reais”, “eu próprio real”, “rio real”, “coração real”, “alguma coisa real” e até em “realidade real”. A ênfase no “real”, quando se aplica a alguns dos elementos do poema, projeta sobre todos os outros elementos a sombra ainda mais densa da indeterminação entre real e não-real, entre realidade e sonho, que marca um mundo que é visto sempre como uma dobra “entre ser e possibilidade”, como ele diz num poema que não por acaso se chama “A vida real” (*Nenhuma palavra e nenhuma lembrança*, 1999).

*É duro sonhar e ser o sonho,
falar e ser as palavras!
E, no entanto, alguém fala enquanto fujo,
e falo do que, em mim, foge.*

(7) São infinitos os ecos de outros versos de Pina que podemos ouvir na estrofe acima. Alguns exemplos: “as palavras perseguem a sua miragem/ e eu sou o lugar onde tudo isto se passa fora de mim” (“Volto de novo ao principio”, *Aquele que quer morrer*, 1978); “O que eu fui sonha,/ e eu sou o sonho” (“Os olhos”, *Nenhum sítio*, 1984); “Quem fala obscuramente/ em qualquer sítio das minhas palavras/ ouvindo-se a si próprio?” (“O jardim das oliveiras”, *O caminho de casa*, 1989); “Quem está aqui/ cada vez mais longe?” (“Lugar”, *O caminho de casa*, 1989); e, ainda, “Eu, isto é, palavras falando” (“O resto é silêncio (que resto?)”, *Nenhuma palavra e nenhuma lembrança*, 1999).

Há uma fantasmagoria que se projeta desses versos: jogo de sombras, espelhamentos, ilusões. Essa fantasmagoria, que mira exatamente o próprio poeta na sua relação sempre *mediada* com a vida e tudo de que ela é feita, coloca os leitores também nessa mesma “suspensão”. Quando Pina diz “Tenho a sensação de não estar onde não estou” (“Algumas coisas”, *Aquele que quer morrer*, 1978), descreve também a forma como se sente seu leitor diante das imagens e questões que elabora nos poemas. É como se deslizássemos numa camada acima do texto quando nos deparamos com versos como: “Não sou eu que falo?! Não ouço o meu silêncio?! Não sou eu que estou/ diante do espelho?” (“Matinas”, *O caminho de casa*, 1989); “como num espelho hesitante,/ o meu rosto, outro rosto, se reflecte” (“[Lugares da infância”, *Um sítio onde pousar a cabeça*, 1991); “Tantas vozes fora de nós!/ E se somos nós quem está lá fora/ e bate à porta? E se nos fomos embora?! E se ficámos sós?” (“As vozes”, *Nenhuma palavra e nenhuma lembrança*, 1999); “um habitante silencioso/ caminhando à frente dos nossos passos,/ dormindo na cama a nosso lado,/ comemos a sua comida, as nossas próprias palavras não nos pertencem” (“Talvez de noite”, 3, *Como se desenha uma casa*, 2011); ou “Os meus sentidos expulsaram de mim,/ desamarram-me de mim e agora/ só me lembro pelo lado de fora” (“Não o sonho”, *Atropelamento e fuga*, 2001).

*Sem que palavras alguma coisa é real?
As filhas sabem-no não o sabendo
e falam alto fora de mim
sem falarem nem não falarem.*

Relendo a obra de Pina – e lembre-se que ela começa com o verso “Os tempos não vão bons para nós, os mortos” e termina com um poema escrito depois que “os deuses partiram” –, não é apenas a sensação de estar numa fronteira – entre real e não-real, entre vida e imaginação, entre sonho e vigília – que desestabiliza o leitor. Para começar sua viagem, o poema nos desloca de nosso próprio corpo: “Perde-se o corpo na inabitada casa das palavras” (“Uma casa”, *Como se desenha uma casa*, 2011). Como nota Rita Basílio, “É na língua de todas as palavras – nelas e através delas, com e contra elas – que cada corpo é chamado a inventar (aprender a descobrir) a sua própria ‘existência breve’”, mas essa “existência breve” só pode se dar no não-lugar em que esse mesmo corpo não é bem-vindo. Daí em diante, se é angustiante saber-se trancado para fora da própria vida, do próprio corpo, traz algum alívio perceber que também a morte não é capaz de desfazer o que as palavras criam: “Talvez que noutra mundo, noutra livro,/ tu não tenhas morrido” (“Luz”, *Os livros*, 2003).

(8) “Sem que palavras?” – esta talvez seja a pergunta mais incômoda feita por esse poeta de tantas perguntas. De poema a poema, Pina nos faz encontrar diversas respostas para ela, mas o que fica, de essencial, é a constatação de que as palavras são, a um só tempo, caminho e obstáculo para que “alguma coisa [...] real” possa ser tocada. Somente as filhas (noutros momentos, os gatos, o cão ou a mãe já perto de abandonar o corpo), talvez porque suas palavras não tenham sido tomadas ainda pela Literatura, podem responder à pergunta que abre essa estrofe: elas “sabem-no não o sabendo” e “falam alto” – fora daquele que diz “mim” no poema – “sem falarem nem não falarem”.

*Em mim tudo é em alguém
em qualquer sítio escuro
como se houvesse um muro
entre o que fala (quem?)*

(9) Já em seu primeiro livro, também lidando com a mesma pergunta que encerra abruptamente este poema – um *quem?* entre parênteses e sem ponto final –, Pina fez seu *voto de ambiguidade*: “Estou sempre a falar de mim ou não” (“Nenhuma coisa”, *Ainda não é o fim...*, 1974). Daí em diante, para o poeta é natural construir versos assim: “a minha verdadeira voz de alguém” (“Coração, sombras, de quem?”, *Nenhum sítio*, 1984). É também natural denunciar: “A realidade é uma hipótese repugnante, / fora de mim, entrando por mim a dentro” (“La fenêtre éclairée”, *Nenhuma palavra e nenhuma lembrança*, 1999), ainda que ele mesmo – e existe algo como “ele mesmo”? – tenha “vindo de países distantes fora de si” (“O regresso”, *Como se desenha uma casa*, 2011).

O que Manuel António Pina nos deixou, ao cabo dessa longa e intensa contenda de uma vida toda com as perguntas abissais que a própria poesia lhe levou a fazer, é uma das obras mais admiráveis, bonitas e necessárias da língua portuguesa. Se ele costumava dizer que “passava bem sem a poesia”, devo registrar que não passaria bem sem a sua, decididamente.

Tarso de Melo (1976) é autor de *Íntimo desabrigo* (poesia, Alpharrabio, Dobradura, 2017), *Rastros: antologia poética 1999-2018* (poesia, martelo casa editorial, 2019), *As formas selvagens da alegria* (poesia, Alpharrabio, 2022) e *Um mergulho e seu avesso* (ensaio, Impressões de Minas, 2022), entre diversos outros livros. É também advogado e professor, doutor em Filosofia do Direito pela Universidade de São Paulo.